

da terra acesa

Daniel Moreira e Rita Castro Neves
Som de Gustavo Costa

“Aqueles que não se lembram do passado estão condenados a repeti-lo”: a famosa frase de George Santayana, enunciada em múltiplas variações, vezes sem conta, até aos dias de hoje, rapidamente se tornou um recurso de retórica. Encerra, contudo, uma análise da História facilmente observável e que não pode ficar contida nos meandros da demagogia. É sobre esta urgência do lembrar que Daniel Moreira e Rita Castro Neves refletem em “da terra acesa”.

A dupla visitou as antigas Minas do Pejão, onde o carvão, na sequência do sobreaquecimento do solo provocado pelos incêndios florestais do ano passado, entrou em combustão envolvendo as povoações numa nuvem de fumo durante semanas a fio. “O carvão das Minas do Pejão ainda está a arder” era o título de uma reportagem do jornal Público datada de Janeiro deste ano. Em Maio, novo artigo alertava para o mesmo fenómeno. Meses passados, o ar permanecia tóxico, a terra quente, a vida vedada.

“da terra acesa” parte da perplexidade perante as marcas irreversíveis de uma tragédia para nos obrigar a refletir sobre a sua previsibilidade imanente. Porque os fogos florestais são um episódio repetido, ano após ano e se as causas, quando acidentais ou criminosas, oferecem explicação para as consequências, os acontecimentos do ano passado vieram questionar se a sua extensão poderia ter sido reduzida pela vontade política e cívica.

A exposição alicerça-se num dispositivo quase cénico constituído por uma parede falsa que divide a galeria, impedindo o acesso a parte do espaço, apenas visível da rua, através das janelas da galeria. Surpreende-nos uma paisagem. Da terra emana o fumo: representação das representações que se constituíram memória; imagens desoladoras que circularam nos jornais, nas televisões, na internet... Assim, inacessível e inaudível, esterilizada pelo enquadramento, a paisagem convida à contemplação.

Do lado oposto da parede falsa, um corredor, cuja largura, não muito maior que a de uma porta, provoca uma sensação de clausura que, naturalmente, remete para a ideia de subsolo, o “espaço real” da história aqui contada.

As obras aqui expostas mostram as feridas da paisagem de Pedorido, numa narrativa que parte do registo em direção à representação e/ou da objetividade em direção à abstração, tomando a matéria ardida como denominador comum. Assim, num vídeo que passa em loop e cujo som invade a exposição, alguém produz sons a partir dos paus carbonizados. As mãos do músico Gustavo Costa vão ficando sujas de carvão à medida que tenta uma melodia. É o negro do carvão que reencontramos nos desenhos que representam pormenores da paisagem queimada, a qual, por sua vez surge registada nas fotografias.

A natureza assim se impõe, na sua permanência, como uma cicatriz.

Vera Lúcia Carmo